

MIGUEL TORGA

CONTOS

Naquela tarde, à hora
sinistro, Vicente abr
decorridos desde que,
na Arca. Mas desde o
espírito não havia pa
numa agitação contínu
guardara a vida fosse
lobos e cordeiros i
figura negra e seca s
de Deus. Numa indigna
estavam os animais me
que tinham que ver os
o Criador queria puni
determinavam aquele d



Ficha Técnica

CONTOS

Autor: Miguel Torga

*Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal*

*Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 2000, Herdeiros de Miguel Torga e Publicações Dom Quixote*

Design: Atelier Henrique Cayatte

Revisão: João Vidigal

ISBN: 9789722042871

www.domquixote.leya.com

BICHOS (1940)

PREFÁCIO

Querido leitor:

São horas de te receber no portaló da minha pequena Arca de Noé. Tens sido de uma constância tão espontânea e tão pura a visitá-la, que é preciso que me liberte do medo de parecer ufano da obra, e venha delicadamente cumprimentar-te uma vez ao menos. Não se pagam gentilezas com descortesias, e eu sou instintivamente grato e correcto.

Este livro teve a boa fortuna de te agradar, e isso encheu-me sempre de júbilo. Escrevo para ti desde que comecei, sem te lisonjear, evidentemente, mas também sem ser insensível às tuas reacções. Fazemos parte do mesmo presente temporal e, quer queiras, quer não, do mesmo futuro intemporal. Agora, sofremos as vicissitudes que o momento nos impõe, companheiros na premente realidade quotidiana; mais tarde, seremos o pó da História, o exemplo promissor ou maldito, o pretérito que se cumpriu bem ou mal. Se eu hoje me esquecesse das tuas angústias, e tu das minhas, seríamos ambos traidores a uma solidariedade de berço, umbilical e cósmica; se amanhã não estivéssemos unidos nos factos fundamentais que a posteridade há-de considerar, estes anos decorridos ficariam sem qualquer significação, porque onde está ou tenha estado um homem é preciso que esteja ou tenha estado toda a humanidade.

Ligados assim para a vida e para a morte, bom foi que o acaso te fizesse gostar destes Bichos. Apostar literariamente no porvir é um belo jogo, mas é um jogo de quem já se resignou a perder o presente. Ora eu sou teu irmão, nasci quando tu nasceste, e prefiro chegar ao juízo final contigo ao lado, na paz de uma fraternidade de raiz, a ter de entrar lá solitário como um lobo tresmalhado. Ninguém é feliz sozinho, nem mesmo na eternidade. De resto, um conto que te agradou, tem algumas probabilidades de agradar aos teus netos. Porque não hão-de eles tirar ninhos quando forem crianças? E, se tal não acontecer, paciência: ficarei um pouco triste, mas sempre junto de ti, firme, na consolação simples e honrada de ter sido ao menos homem do meu tempo.

És, pois, dono como eu deste livro, e, ao cumprimentar-te à entrada dele, nem pretendo sugerir-te que o leias com a luz da imaginação acesa, nem atrair o teu olhar para a penumbra da sua simbologia. Isso não é comigo, porque nenhuma árvore explica os seus frutos, embora goste que lhos comam. Saúdo-te apenas nesta alegria natural, contente por ter construído uma barcaça onde a nossa condição se encontrou, e onde poderemos um dia, se quiseres, atravessar juntos o Letes, que é, como sabes, um dos cinco rios do inferno, cujas águas bebem as sombras, fazendo-as esquecer o passado.

Teu

MIGUEL TORGA

NERO

Sentia-se cada vez pior. Agora nem a cabeça sustinha de pé. Por isso encostou-a ao chão, devagar. E assim ficou, estendido e bambo, à espera. Tinha-se despedido já de todos. Nada mais lhe restava sobre a terra senão morrer calmo e digno, como outros haviam feito a seu lado. É claro que escusava de sonhar com um enterro bonito, igual a muitos que vira, dentro dum caixão de galões amarelos, acompanhado pelo povo em peso... Isso era só para gente, rica ou pobre. Ele teria apenas uma triste cova no quintal, debaixo da figueira lampa, o cemitério dos cães e dos gatos da casa. E louvar a Deus apodrecer a dois passos da cozinha! A burra nem sequer essa sorte tivera. Os seus ossos reluziam ainda na mata da Pedreira. Chuva, geada, sincelo em cima. Até um lebrão descarado se fora aninhar debaixo da arcada das costelas, de caçoada! Ah, sim, entre dois males... Já que não havia melhor, ficar ao menos ali. No tempo dos figos, pela fresca, a patroa viria consolar a barriga. Gostava de figos, a velhota. E sempre se sentiria acompanhado uma vez por outra. Não que fizesse grande finca-pé naquela amizade. Longe disso. A menina dos seus olhos era a morgada, a filha, que o acariciara como a uma criança. A velha toda a vida o pusera a distância. Dava-lhe o naco de broa (honra lhe seja), mas borrava a pintura logo a seguir: - Ala! E ele retirava-se cerimoniosamente para o ninho. Só a rapariga o aquecera ao colo quando pequeno, e, depois, pelos anos fora, o consentira ao lume, enroscado a seus pés, enquanto a neve, branca e fria, ia cobrindo o telhado. O velho também o apaparcava de tempos a

tempos. Se a vida lhe corria e chegava dos bens de testa desenrugada, punha-lhe a manápula na cabeça, meigamente, e prometia-lhe a vinda do patrão novo. Porque o seu verdadeiro senhor era o filho, um doutor, que morava muito longe. Só aparecia na terra nas férias de Natal. Mas nessa altura pertencia-lhe inteiramente. Os outros apenas o tratavam, o sustentavam, para que o menino tivesse cão quando chegasse. Apesar disso, no íntimo, considerava-se propriedade dos três: da filha, do velho e da velha. Com eles compartilhara aqueles longos oito anos de existência. Com eles passara invernos, outonos e primaveras, numa paz de família unida. Também estimava o outro, o fidalgo da cidade, evidentemente, mas amizades cerimoniais não se davam com o seu feitio. Gostava era da voz cristalina da dona nova, da índole daimosa da patroa velha e da mão calejada do velhote.

- Tens o teu patrão aí não tarda, Nero...

O nome fora-lhe posto quando chegou. Antes disso, lá onde nascera, não tinha chamadouro. Nesse tempo não passava dum pobre lapuz sem apelido, muito gordo, muito maluco, sempre agarrado à mama da mãe, que lhe lambia o pêlo e o reconduzia à quentura do ninho, entre os dentes macios, mal o via afastar-se. Pouco mais. Com dois meses apenas, fez então aquela viagem longa, angustiosa, nos braços duros dum portador. Mas à chegada teve logo o amigo acolhimento da patroa nova. Festas no lombo, leite, sopas de café. De tal maneira, que quase se esqueceu da teta doce onde até ali encontrava a bem-aventurança, e dos irmãos sôfregos e birrentos.

- Nero! Nero! Anda cá, meu palerma!

A princípio não percebeu. Mas foi reparando que o som vinha sempre acompanhado de broa, de caldo ou de um migalho de toucinho. E acabou por entender. Era Nero. E ficou senhor do nome, do seu nome, como da sua coleira. Principalmente depois que o patrão novo chegou, sério, com

dois olhos como dois faróis. Apareceu à tarde, num dia frio. Fora-o esperar na companhia da patroa nova. É claro que nem sequer lhe passara pela ideia a vinda de semelhante figurão. Seguirá-a maquinalmente, como fazia sempre que a via transpor a porta. Habitara-se a isso desde os primeiros dias. Com o velho não ia tanto. E com a velhota, então, só depois de ter a certeza que se encaminhava para os lados da Barrosa. Na cardenha do casal morava o seu grande amigo, o Fadista. De maneira que o passeio, nessas condições, já valia a pena. Enquanto a dona mondava o trigo, chasquiçava batatas ou enxofrava a vinha, aproveitava ele o tempo na eira, de pagode com o camarada. Mas, se ela tomava outro rumo, boa viagem. Com a nova, sim. A farejar-lhe o rasto, conhecera a terra de lés a lés. Até missa ouvia aos domingos, coisa que nenhum cão fazia. Aninhava-se a seu lado, e ficava-se quieto a ver o padre, de saias, fazer gestos e dizer coisas que nunca pôde entender. Foi a seguir a uma cerimónia dessas que o doutor chegou à terra. Todo muito bem vestido, todo lorde. Quando viu aquele senhor beijar a rapariga, atirou-lhe uma ladradela, por descargo de consciência. E o estranho, então, olhou-o atentamente, deu um estalo com os dedos, a puxar-lhe pelos brios, e teve um comentário:

- O demónio do cachorro é bem bonito!

Envaideceu-se todo. Mas o homem perdeu-se logo em perguntas à irmã, em cumprimentos a quem estava, sem reparar mais nele. E não teve remédio senão segui-los a distância, num ressentimento provisório. Ao chegar a casa, foi direito ao cortelho. E ali esteve uma boa hora à espera, a morder-se de ansiedade. Por fim, o recém-vindo chamou do fundo da sala:

- Nero! Venha cá!

Era a posse. Havia naquela voz um timbre especial que o fez estremecer. Pela primeira vez sentia que tinha realmente um dono. Contudo, lá arranjou forças para se

deixar ficar enroscado na palha, salmurdo, a fingir que dormia.

Mas a ordem voltou logo a seguir, mais forte, mais imperativa:

- Nero!

Ergueu-se. Subiu os degraus da loja e, humilde e desconfiado, apresentou-se.

O fulano acabara de jantar. No prato onde comera, jaziam, apetitosos, os restos do frango pedrês que a patroa velha degolara de manhãzinha. Apesar de o desgraçado ser seu amigo (até em cima do lombo se lhe empoleirava), sentia crescer a água na boca só de ver aqueles ossos descarnados. Misérias... O hóspede, porém, em vez de lhe acalmar a gula pecadora, pôs-se a fazer-lhe festas, a apalpar-lhe a cabeça, a admirar-lhe a grossura do rabo, a examinar-lhe as patas, e rematou a vistoria desta maneira:

- Não há dúvida nenhuma: é um lindo bicho!...

Rosnou, insofrido. Outra vez a mesma conversa de há bocado! Se guardasse o paleio e lhe desse o esqueleto do seu compadre calçudo, melhor fazia!

Deu-lho, e a seguir despediu-o com uma ordem seca, de quem gostava de ser obedecido. No dia seguinte é que voltou à carga, e de que maneira! Não o largou durante uma hora! Começara o calvário da educação.

Correu a princípio ao lenço enrolado, a cuidar que se tratava de uma brincadeira. Mas depois viu que o negócio era a sério, que o sujeito tinha lá qualquer coisa encasquetada.

- Vá buscar, Nero, vá lá...

Fez-se desentendido. E o sacripanta, depois de insistir, de se cansar a ver se o convencia por bem, larga-lhe uma vergastada rija! A primeira que apanhou...

Seguiu-se uma semana triste. Até que num sábado de madrugada saíram ambos para os montes, ainda enevoados e cobertos de sincelo. Nunca deixara o ninho tão cedo. Gostava das manhãs na cama, mornas, a dormir. O galo

acordava-o sempre ainda o sol sonhava, a cantar-lhe mesmo ao pé, quase ao ouvido, uma lenga-lenga parva, estridente, sempre igual. A princípio resmungou. Depois acostumou-se ao fadário e até estimava o despertador, só para ter o prazer de saborear os lençóis. Mas naquele dia foi o doutor que lhe bateu ao ferrolho. Andavam quase de mal desde a última lição. Mandara-lhe buscar um ovo, e quebrara-o nos dentes, sem querer. E vai logo um puxão valente de orelhas, sem dó nem piedade! Apesar de ressentido por semelhante injustiça, ergueu-se. Comeu a broa e partiu atrás dele. De repente, já nos montes do Pioledo, ouviu um ruído de coisa que levanta voo, seguido de um estrondo de estarrecer. Que ricos tempos! Fugira tão espavorido, tão desvairado, que batera de encontro à cepa duma giesta! Cheio de paciência, e até com certa ternura, o dono, então, chamou-o, acarinhou-o, incutiu-lhe confiança:

- Não tenhas medo, maluco! Sossega, que ninguém te faz mal!

Depois mostrou-lhe no chão um passarolo morto.

- Nero, boca lá, boca!...

Era para ir buscar aquilo, pelos vistos... Desconfiado, chegou-se ao pé.

- Traz cá!...

O bicharoco estava realmente defunto. Deitou-lhe os dentes. O que era a inocência! Tinha cócegas na boca!... De repente, um cheiro forte, penetrante e doce, inundou-lhe as ventas, o estômago, o corpo inteiro! Foi a primeira grande hora da sua vida... Depois disso é que os montes começaram a dizer-lhe coisas que até ali nem de longe poderia suspeitar. Só então ficou a saber que por eles a cabo, nas manhãs doiradas e calmas de Janeiro, era um louvar a Deus de perdizes... E que não havia nada melhor no mundo do que senti-los frios e firmes sob as patas, quando o sangue fervia nas veias e o instinto pedia asas ao vento. Colado àquela dureza gelada, a rastejar e a tremer de emoção, a vida sabia-lhe à maior das venturas. Talvez

que em certas ocasiões devesse caçar doutra maneira. Ser mais despachado. Mas sentia as malvadas à frente do nariz, e sumia-se no chão, nem sabia se a esconder-se, se a prolongar o prazer. Porque a princípio ainda cuidou que conseguiria assim agarrar alguma. Depois, não. Finas como órgãos, no melhor da festa punham-se na alheta. E perdeu as ilusões. Apesar disso, nunca deixara de se encolher, de tentar disfarçar o corpo sempre que as farejava perto, e, muitas vezes, tão estacado ficava, que era preciso o dono empurrá-lo com a ponta da bota grossa.

- Entra, Nero, entra lá... Deita fora!

Não arrancava. Continuava pregado ao terreno, a namorar a imagem adivinhada, a encantá-la com os olhos ávidos e, sobretudo, a fruir aquele gozo de sentir o coração pulsar de encontro às fragas.

Até que uma ordem mais impaciente lhe dizia que eram horas. Dava a pancada. E ficava-se depois a olhar a manhosa erguer-se apressada, rumorosa, e cair daí a pouco, já passada ou feita num molho. Entrava de novo em acção. Num pronto, entregava a pobre ao dono, tal como a encontrava caída - viva ou morta. Nunca um gesto sequer de piedade. Disso pesava-lhe agora a consciência. Se estavam de ponta-de-asa, as desgraçadas fugiam, gemiam, quase tinham voz de gente a pedir compaixão. Nem a alma lhe bulia. A esse respeito, fora sempre surdo e cego. Muitas vezes pensava se não seria por essa razão que lhe acontecera a desgraça do Soitinho! Ninguém as faz que as não pague... Bem que desconfiara logo do outro caçador. Aquele jeito de pegar na arma não lhe merecia confiança, não. Mas mandava quem podia... Segue-se que estavam ainda praticamente a sair de casa, quando um cheiro a perdigão lhe entrou em faca pelo nariz. Estacou ali mesmo, no meio da estrada, voltado para a ribanceira. Ainda se lembrava perfeitamente de ter ficado com a pata direita no ar, paralisada. Depois, a tirar de ventos, foi andando cautelosamente. Até que se encontrou a dois palmos do seu

velho conhecido. Era um patriarca manhoso, de esporões em rosário pelas pernas acima, que há anos lhe moía a paciência. Três vezes - em três épocas sucessivas - o pusera a tiro ao patrão, sem valer de nada. O velhaco abria as asas, deixava o chumbo passar, e, sem ninguém mais a afligi-lo, ficava à larga, a criar unto. Desta feita, porém, a coisa fiava doutra maneira. Iam dois, e pudera preveni-los a tempo e horas. E estava então com o focinho em cima do excomungado, quando o parvo do caçarreta lhe manda um tiro à cabeça! Ficou ali como morto, e ainda por maior desgraça a ouvir a risada escarninha do albarrão, ao dobrar o cerro, são e salvo! Trinta anos que durasse, não se esqueceria nunca daquela hora. Todo o caminho ao colo do doutor, depois de lhe ouvir dizer:

- Uma estupidez destas, só tinha uma resposta...

Duas semanas de molho, e, diga-se a verdade, também de ternuras, de cuidados, de comidinha da boa. Por fim lá arribou, e a brincadeira ficou-lhe de emenda. Nunca mais correu a foguetes. Quem quer que fosse, podia chamar e assobiar à vontade. Nem se mexia. Às vezes, rilhadinho de vício. Mas não ia. Esperava pelo dono, que atirava quando devia, e vamos indo! Errar, todos as erravam, infelizmente. Ainda estava para nascer o primeiro que se pudesse gabar do contrário. Pelo menos à sua frente... Pexotices de uma pessoa se benzer! Mas, enfim, o dono não era lá dos piores, e largava o tiro na altura própria, honradamente, quando elas repenicavam as castanholas no ar. Por isso, aguardava que viesse.

Nem as lérias do Fadista o comoviam, a sugerir-lhe outras caçadas de menos risco que poderiam fazer juntos pela freguesia... Era um cão que se respeitava, que tinha dignidade. Borgas dessas eram lá com rafeiros, com jecos do fado e do mundo. O que não quer dizer que fosse nenhum maricas! Tratava de arranjar a vida (a sua vida particular) sem dar nas vistas e sem acompanhamentos, que acabavam sempre em cenas desagradáveis. Não que

tivesse medo a qualquer dos rufias que costumavam aparecer nessas ocasiões. Se acontecia ver-se metido nelas, batia-se ali como um homem, até que as coisas ficassem esclarecidas. Tocava a quebrados, dava a matar. E nunca ficara do lado dos vencidos! Pelo contrário. Procurava, contudo, afastar-se de rixas e contendias. E dissera sempre que não ao amigo, por sinal um belíssimo animal, apesar da baixa extracção. Morrera há um ano, o desgraçado. Que razia! A guarda espalhou as bolas, e foi a oito. Valeu-lhe a ele estar à argola nessa data. Senão, era uma vez um Nero. Que, para chegar à miséria presente, antes tivesse morrido também. Ao menos, deixava saudades. Assim, acabava de velhice, podre por dentro, a meter fastio a toda a gente. Se então o levasse o diabo, não haviam de faltar lamúrias e lágrimas naquela casa. Agora, lia nos olhos de todos o desejo de que partisse o mais depressa possível para dar lugar a outro... E quem seria o felizardo que lhe herdaria o ninho? Quem viria ouvir as longas conversas à lareira, no Inverno, quando a chuva escorregava dos beirais e o vento norte soprava? Tanto pensara no filho, no seu Jau, para o render ali! Mas o raio herdara os defeitos da mãe: mau nariz e um pouco de sofreguidão. Não se aguentava com elas ao pé. Lá no abocar e trazer à mão, saíra ao lençol de cima: nem sequer o ovo da educação quebrara. Uns dentinhos de veludo. A alegria que tivera a primeira vez que o viu amarrado junto de si! Deitou-lhe o canto do olho, e o pequeno parecia uma estátua: teso, esticado, o rabo como uma seta... Nos montes da Queda, lembrava-se bem. Iam a mata-cavalos num rasto, quase sem tomar respiração. A prever já o resultado da correria, tentava deitar água na fervura:

- Mais devagar, rapaz, mais devagar...

Mas o demónio tinha os nervos da mãe. Puxava como um dragão pela encosta acima. E ele seguia-o no andamento, a tentar encobrir o estabonado.

- Calma! Calma!

Nada! Aquele cheiro arrastava-o, endoidecia-o.

- Isto não vai a matar, homem de Deus...

Até que chegaram perto do bando. Fez-lhe sinal, estacou, e o garoto ficou-se também. Mas, as perdizes saltaram e, quando o dono chegou, deu com o nariz no sedeiro. À noite, uma grade às costas, coisa que não acontecia há anos. E ao cabo de mais três ou quatro dias de experiência, o doutor deu-o a um aldeagante de Jurjais. Viera vê-lo uma vez, pelo S. Miguel. Pediu-lhe a bênção e contou. Até fominha! Depois lá se foi, coitado. E podia estar ali a receber-lhe o último suspiro e a herdar-lhe o ninho de musgo. Sempre era ter alguém da família ao lado. Assim, morria sozinho, tristemente. Nem o ordinário do galo, com quem tanta paciência tivera, nem esse vinha! Andava pelo quinteiro, muito asno, muito parvo, como se mesmo a dois passos não estivesse a acontecer aquela grande desgraça. É certo que também ele, Nero, vira morrer o gato, um sem-número de frangos e galinhas, e cada ano seu porco, sem o menor estremecimento. A verdade acima de tudo. Mas, desta vez, o caso mudava de figura: finava-se um cão, um cão de caça, um navarro legítimo! Ingratidões... Porque, apesar de perdigueiro, quem tinha ladrado aos lobos, à raposa e à doninha, quando na capoeira parecia a semana santa?! Ele. Ele, Nero, que entregava a alma ao Criador, ali, desdentado, com as urinas em sangue, cego duma vista... E o que ele fora na mocidade! Ágil, asado, até mesmo toleirão... Os enganos do mundo!

Lá dentro frigiam carne. Ouvia bem o chorriscar da gordura na sertã. Dantes, seria o bastante para lhe correr a baba pelas barbelas abaixo. Agora, só a lembrança de torresmos dava-lhe volta ao estômago. Uma perfeita ruína! Estava podre por dentro e por fora... Raio de vida! E o malandro do galo a galar uma galinha! Tivesse ele procedido doutra maneira, quando o parvo era franganote, e já então cheio de proa, e não estaria agora o demo a fazer-lhe macaquices. Mas era feio um navarro dar um

apertão num frango. Saiba um homem respeitar-se. Que grande dor de cabeça!... Que peso medonho na arca do peito!... E o corpo mole, sem acção...

Aí vinha a patroa nova observar o andamento daquilo...

Fechou os olhos. Sempre gostava de ouvir o que diria quando o visse como morto...

Ela chegou-se e ficou silenciosa.

Por uma fresta das pestanas espreitou-lhe a cara. Chorava. Desceu novamente as pálpebras, feliz.

E à noite, quando o luar dava em cheio na telha-vã da casa, e os montes de S. Domingos, lá longe, pareciam ter já saudade das suas patas seguras e delicadas, quando o cheiro da última perdiz se esvaiu dentro de si, quando o galo cantou a anunciar a manhã que vinha perto, quando a imagem do filho se lhe varreu do juízo, fechou duma vez os olhos e morreu.

MAGO

Mago respirou fundo. Abriu o nariz e encheu o peito de ar ou de luar, não podia saber ao certo, porque a noite era uma mistura de brisa e claridade. Mas fosse de frescura ou de luz a onda que bebera dum trago, de tal modo o inundou, que em todo o corpo lhe correu logo um frémito de vida nova. Esticou-se então por inteiro, firmado nas quatro patas, arqueou o lombo, e deixou-se ficar assim alguns instantes, só músculos, tendões e nervos, com os ossos a ranger de cabo a rabo. Arre, que não podia mais! Aquele mormaço da sala dava cabo dele. Punha-o mole, sem acção, bambo e morno como o cobertor de papa onde dormia. A que baixezas a gente pode chegar! Ah, mas tinha de acabar semelhante vergonha! Não pensasse lá agora a senhora D. Maria da Glória Sância que estava disposto a deixar-se perder para sempre no seu regaço macio de solteirona. Não faltava mais nada! De resto, ali tinha já a primeira demonstração: ela a ressonar sozinha na cama fofa, enquanto ele enchia os pulmões de oxigénio e de liberdade. É certo que a deixara primeiro adormecer, e só então, brandamente, deslizara dos seus braços para o tapete e do tapete para a rua, através do postigo da cozinha. Uma questão de delicadeza, apenas. Porque, afinal, não havia vantagem nenhuma em fazer as coisas à bruta e ofender quem só lhe queria bem... Que diabo, sempre era a senhora D. Maria Sância, a que até um fio de ouro lhe comprara para o pescoço! Que, considerando bem, por essas e outras é que chegara àquela linda situação...

- Ouvi dizer que já nem sardinhas comes?!

- Essa agora! É todos os dias...
- E que nunca mais caçaste?!
- Ainda esta manhã...

Piadinhas do Lambão. É claro que os mimos da D. Sância lhe haviam deformado o gosto... Metia-lhe os petiscos ao focinho, tentava-se! E havia por onde escolher, de mais a mais... Quanto a ratos, que necessidade tinha de perder o tempo, debruçado três horas sobre um buraco, sem mexer sequer a menina dos olhos, à espera dum pobre diabo qualquer que ressonava lá no fundo? Deixá-los viver! As coisas são o que são. Em todo o caso, ainda comia a sua pescada crua e deitava honradamente a mão a uma ou outra borboleta branca, sem falar nas andorinhas novas e nos pardalecos que filava por desfastio na Primavera. Que demónio! Mais, seria exagerar.

- Mas que não saís de casa, sempre agarrado às saias...

Na verdade, saía pouco. Outros tempos, outros hábitos. Banqueteava-se e ficava-se pelas almofadas... Digestões difíceis, vinha-lhe um migalho de sonolência... Às vezes tentava reagir. Mas o raio da velha, mal o via pôr o pé na soleira da porta, perdia a cabeça! Parecia uma sineta:

- Mago! Mago! Bicho, bichinho!

Regressava aos lençóis. Contrariado, evidentemente. Mas quê! Era o pão... O pãozinho da boca! Que remédio senão torcer caminho e, com as unhas discretamente recolhidas, continuar as carícias de algodão-em-rama no cachaço da dona...

- E que deixaste a Faísca!...
- Eu?!...

- Que anda metida com o Zimbro... Pelo menos é o que consta. Que teve até cinco pequenos dele...

- Meus! Muito meus! Do meu sangue!

Pantominice. Um triste chanato na honra do convento... Paleio de chavelhudo manso... A ninhada pertencia inteirinha ao Zimbro. Até pela pinta se via. Todos com o mesmo olhinho remeloso do pai... Um parrana, realmente,

embora o não confessasse. Os mimos da D. Sância tinham-no desgraçado. Ah, mas a coisa ia mudar de figura! Estava farto de ser desfeitoado. Ainda há bem pouco tempo... Chegara-se ao pé da mulher, disposto a impor a sua autoridade.

- Ouve lá: disseram-me que mos andas a pôr para aí com todo o mundo?!

E recebe esta pelas ventas:

- Bem haja eu!

- Bem hajas tu?!

- Nunca guardei respeito a maricas!...

Só a tiro! Mas a verdade é que a Faísca tinha razão. Lá de ano a ano é que vinha procurá-la, e isto de gado fêmeo quer assistência...

Além disso, pesadão, desconsolado. E até esquecido dos ganidos dessas horas... Uma vergonha!

- Aparece logo à noite, pelo Tinoco... Há reunião... E adeusinho...

- Adeus, Lambão.

Foi no quintal, à tarde, quando a D. Sância dormia a sesta. O antigo companheiro, empoleirado no muro, rondava a cozinha da vizinhança, onde assavam carapaus. Por acaso chegara à janela nesse momento, vira-o e fizera-lhe sinal. E o outro, de boa ou de má-fé, abriu o saco. Mas há males que vêm por bem. Depois da conversa, pensara maduramente no caso, e ali estava agora disposto a ressuscitar daquela vida perdida em que o destino o metera.

Sim, ali estava, a dois passos do Tinoco, o clube da gataria do bairro. Bem situado, com saída para dois quarteirões, fora fundado pelo maior valdevinos da geração: - o Hilário. Era um telhado corrido, quase plano, amplo, alto, mas de onde se podia cair de qualquer maneira numa aflição. Um achado. Como a casa servia de armazém, o Hilário viu de relance as condições do local. E logo no outro dia os beijos,

as mordedelas, os arranhões e os queixumes do cio foram ali.

Bons tempos esses! Namorava então a Boneca, uma gatinha-borracheira de a gente se perder.

- Ora viva!

- Miiuu...

- Seja bem aparecida, a minha princesa!

- Miiuu...

Mimo da cabeça aos pés. Mas um rebuçadinho! Depois enrodilhara-se com a Moira-Negra, um coiro velho, curtido e batido. Cada guincho que abria a noite!

- Cala-te lá com isso, mulher!...

Isso calava ela! Acabou por se aborrecer. Por fim veio a lambisgóia da Perricha... Uns trabalhos. Ciúmes, fraqueza, dores de cabeça, o diabo!

- Matas-te, filho, arruínas-te...

Palavras sensatas da mãe.

- Muda de vida, homem! Essa excomungada leva-te à sepultura.

Mas quê! O vício pode muito...

Até que a mãe morreu de velhice e desgosto, a Perricha desapareceu das redondezas, e ele foi cair por acaso no quintal da D. Sância .

- O bichinho está doente. Se calhar é fome...

E a ternura da senhora nunca mais o largou. A princípio ainda tentou reagir; mas, por fim, o corpo, o miserável corpo, acostumou-se ao ripanço. A parva cuidava que era amor correspondido. Melhor fora! Amizade sincera não é com gatos. Simplesmente, quem brinca aos afogados, afoga-se. Com o andar do tempo, a moleza tomara conta dele... Quando reparou, estava perdido. Às vezes apetecia-lhe atirar com os aparelhos ao ar. Infelizmente, as vidas iam ruins. Virava-se um balde de restos, e não se aproveitava uma espinha. Que remédio, pois, senão contemporar... Mas cara aposentadoria! Considerando bem, melhor fora que o estafermo da solteirona nunca lhe tivesse aparecido.

Mais valia andar pelado e a cair de fome, e ser capaz de responder ao pé da letra aos sarcasmos que agora lhe atiravam.

- Olha o Mago!... Olha o milionário!...

O patife do Tareco. Era de o derreter logo ali! A desgraça é que não podia passar da mansa indignação que o roía. Nem forças, nem coragem para mais. E, logo por azar, com o clube à cunha! Parecia de propósito. Raios partissem a D. Sância e mais quem lhe gabava as almofadas! Por causa delas pouco faltava para lhe cuspirem na cara!

- Com que então de visita aos bairros pobres?! Obra de assistência aos desvalidos, não?...

Até o bandido do Zimbro! Vejam lá! O engraçado! Não contente de lhe roubar a mulher, de lhe pregar um par deles do tamanho duma procissão, vinha ainda com provocações à vista de toda a gente. Ah, mas estava redondamente enganado se cuidava que não recebia o troco devido!

- O cavalheiro seja mais delicado...

- Reparem nas falinhas dele... A tratar os amigos por cavalheiros!

- Amigos?! Eu não tenho amigos da sua laia!

- Pesam-lhe na testa, coitado!

Desembestou. Cego da cabeça aos pés, atirou-se ao abismo. Infelizmente, as ensanchas do Zimbro eram outras. Tinha raiva, tinha dentes, tinha unhas e fôlego. Contra tais armas, que podia a sanha dum pobre mortal, gordo e lustroso? Servir de bombo da festa... É que nem a primeira acertou! Ágil e musculado, e com a maleabilidade de uma cobra, o inimigo furtou-se à sua fúria e ripostou a valer ao golpe esboçado. Depois, foi o bom e o bonito! A seguir a uma saraivada de investidas traiçoeiras, meia dúzia de navalhadas de liquidar um homem. Só visto! No fim da luta, quando já não podia mais e se confessou derrotado, sangrava e gemia tanto que até um polícia, em baixo, na rua estreita, se comoveu. O clube, esse, parecia doido de alegria. A Faísca rebojava-se no chão, de contente.

Fugiu desvairado pelos telhados fora. A lua, cada vez mais branca lá no alto, olhava-o com desdém. A cidade, adormecida, parecia um cemitério sem fim. Da torre duma igreja saía um pio agoirento.

Jogara naquele lance o resto da dignidade. E perdera. Dali por diante, seria apenas uma humilhação sem esperança. Ele, que tivera nas mãos possantes e nervosas o corpo fino e submisso da Boneca, ele, o escolhido da Moira-Negra, ele, o companheiro de noitadas do Hilário, ele, Mago, relegado definitivamente para o mundo das pantufas e dos tapetes! Proibido para o resto da existência de pensar sequer numa baforada da húmida frescura que agora lhe atravessava as ventas e lhe deixava cantarinhas no bigode... Condenado para sempre ao bafio da maldita sala de visitas da D. Sância! Negra sorte! E tudo obra do coirão da velha... Se não fosse ela, em vez de ir ali esquadrihado e a mancar da mão esquerda, estaria no Tinoco a soltar ganidos como os outros, depois de ter feito o Zimbro em pedaços... Assim, arrastava-se penosamente por aquele caminho de desespero, tal e qual um moribundo a despedir-se da vida... Miséria de destino! Vexado, vencido, retalhado no corpo e na alma... E tudo obra do estupor da santanária!...

Vinha rompendo a manhã. Um sino ao longe deu seis horas. Abriam-se as primeiras janelas. Grandes laivos avermelhados anunciavam a chegada próxima do sol.

Parou. Lambeu a pata doente e sacudiu-se, num arrepio. Uma lassidão profunda começava a invadi-lo. Maldita D. Sância!... Se nunca tivesse conhecido tal sujeita...

Olha, olha, a enevoar-se-lhe a vista!... Queriam ver que ia desmaiar?!

Encostou-se a uma chaminé, e ficou algum tempo sem dar acordo de si, a arfar penosamente. Até que uma onda de energia o trouxe de novo ao mundo. Arregalou os olhos. Estava melhor, felizmente! Já enxergava claro outra vez. Podia continuar.

Em que trabalhos o metera o raio da velha! E louvar a Deus safar-se com vida da brincadeira... Coça valente!... Por um triz que não se ficava... Muita resistência tinha ele ainda!

A alguns metros apenas do jardim da casa, cuidou que tornava a desfalecer. E só então é que reparou: deixava um rasto de sangue por onde passava...

Fez das tripas coração, e lá conseguiu equilibrar-se e chegar ao pequeno muro que vedava o paraíso da sua perdição. Saltava? Não saltava? Que infâmia, regressar aos mimos da D. Sância! Que nojo! Que ordinarice!

Mas a que propósito vinham agora semelhantes escrúpulos e recriminações? Sim, a que propósito? Fartinho de saber que nem sequer lhe passara seriamente pela cabeça a ideia de resolver o caso doutra maneira! Ao menos fosse sincero! De resto, que esforço concreto fizera para se libertar? Nenhum. Ainda não havia uma dúzia de horas, ouvira a voz do Lambão como um eco da própria consciência... E, afinal, ali estava outra vez! E viera de livre vontade... Ninguém o obrigara... Já roído de remorsos? Ora, ora! Outro fosse ele, nem aquela casa encarava mais. E voltara! Sim, voltara miseravelmente... E à procura de quê? Da paz podre dum conforto castrador... Que abjecção! Que náusea!

E, sem querer, sem poder aceitar a sua degradação, Mago entrou pelo postigo da cozinha e foi-se deitar entre os braços balofos da D. Sância.

MADALENA

Queimava. Um sol amarelo, denso, caía a pino sobre a nudez agreste da Serra Negra. As urzes torciam-se à beira do caminho, estorricadas. Parecia que o saibro duro do chão lançava baforadas de lume.

Madalena arrastava-se a custo pelo íngreme carreiro cavado no granito, a tropeçar nos seixos britados por chancas e ferraduras milenárias. De vez em quando parava e, através dum postigo aberto na muralha das penedias, olhava o vale ao fundo, já muito longe, onde o corpo lhe pedira para ficar, à sombra de um castanheiro. O corpo. Porque a vontade fizera-a atravessar ligeira a frescura tentadora da veiga e meter-se animosa pela encosta acima. Tudo estava em chegar a Ordonho a tempo da sua hora. Por isso, era preciso reagir contra a própria natureza e andar para diante, custasse o que custasse.

Galgada a custo a última rampa, Madalena encarou com terror a imensidade da montanha descarnada e hostil. Cada fragão de estremecer! Blocos desmedidos, redondos, maciços, acavalitados uns nos outros num equilíbrio quase irreal, ou então dispersos, solitários, parados e silenciosos pelo planalto além.

Começara a sentir as dores de madrugada, vagas, distantes, quase gostosas. E, a esse primeiro aviso, resolvera partir. Já agora, por mais um pouco, era levar a cabo aquele timbre. Sabê-lo, até ali, só ela e Deus. Nem o maroto que lhe fizera o serviço desconfiava. Sempre fora senhora do seu nariz. Dera o tropeção, é certo, mas em seguida conseguira esconder a nódoa dos olhos do mundo – a nódoa maior que pode sujar uma mulher. E nem mesmo ele suspeitava sequer do que se passava. Dias depois da

desfeita, quando se lhe chegou com olhinhos de carneiro, a querer repetir a façanha, pô-lo a andar, sem de longe ou de perto tocar em tal assunto.

- Escusas de teimar: pega ou larga de vez. Se te não presto para uma coisa, também te não presto para outra... Resolve. Cães no rasto é que não quero!...

Fez-se desentendido. Lá casamento, isso não era com ele. Tinha a mãe, tinha as sortes, tinha a vida encalacrada.

- Pois então...

E virou-lhe as costas. Servir-lhe apenas de estrumeira, consentir que se utilizasse dela como de uma reca, não. É verdade que a disfrutara por inteiro naquela maldita tarde... Paciência. O que é, comera por uma vez. Danado, ainda rosnou. A engolir as palavras, deu a entender, numa cava, que sim e mais que também. De pouco lhe valeu. Ela cortara de tal maneira o mal pela raiz, que ninguém acreditou nas alarvadas. Graças a essa firmeza, estava quase a chegar ao fim do fadário na consideração de toda a gente. Bastava agora ter coragem e ânimo nas pernas. Não. Nem Roalde, nem o badana se haviam de rir. Dera com o nariz no sedeiro, realmente. Na primeira quem quer cai... Mas tomara a peito manter-se pura daí em diante, e fizera vingar a sua. Nove meses como nove novenas! Preferia morrer, a ficar nas bocas do mundo. Com o correr do tempo, vira-se e desejara-se para manter o disfarce. Os últimos dias, então, pareceram-lhe anos. Felizmente, até esses vencera sem se denunciar. Fechou-se em casa, com a desculpa de andar adoentada, e aguardou que chegasse o momento de largar. E, vinha o sol a nascer, este mesmo sol que agora lhe estonava a carne, metera pés a caminho.

Nem viva alma, ao sair da aldeia! Roalde em peso mourejava nos lameiros e nas cortinhas da Tenaria. O Agosto corria criador. E cada qual gastava-se nos bens, a regar os milhões, as hortas e os batatais. Em Roalde, graças a Deus, à guinha - era dar ao talhadoiro...

Água!... Se ao menos tivesse um golinho dela naquele instante! Bastava-lhe molhar a boca... já mal a sentia, de tão seca... Era um buraco encortiçado, por onde o ar passava em labaredas. Quase que lhe apetecia ferrar os dentes no toco dum carvalhiço, a ver se a humedecia.

Chegada ao meio do planalto, as penedias metiam medo. Espaçadas e desconformes, pareciam almas penadas. Uma giesta miudinha, negra, torrada do calor, cobria de tristeza rasteira o descampado. Debaixo dos pés, o cascalho soltava risadas escarninhas.

Estalava de secura. Ao tormento do cansaço e à crueldade das guinadas traiçoeiras que a anavalhavam quando menos esperava, juntara-se uma sede funda, grossa, que a reduzia inteira a uma fornalha de lume. Mas já o seu avô almocreve dizia:

- Na Serra Negra, quem se quiser refrescar, tem de beber o suor...

Simplesmente, o avô era homem e corria o mundo escanchado num macho, com a borracha de vinho no alforge. E ela, Madalena, não passava de uma pobre mulher, que ia ali naquele ermo excomungado, trespassadinha, já sem forças para mais, com o maldito do filho dentro da barriga aos coices. E tudo por causa das falinhas doces do Armindo, daquelas falinhas mansas, repenicadas, que a levaram à desgraça! Ah, magusto, magusto do S. Martinho! Caras lhe estavam as quatro castanhas assadas que aceitara na cardenha da Tapada. O malandro até jeropiga tinha ali à mão! E ela, a tola, comera, bebera e, por fim, rolara na palha aos berros. Mas de nada lhe valera. De todo o jeito, era sempre sobre o seu corpo o corpo rijo do estafermo, tenso, quente, angustiado. E cedera. Um minuto de fraqueza, ou de piedade concedida a tamanho desespero, e ao acordar - perdera o melhor. Mas pronto. Estava feito, estava feito. Levantou-se, sacudiu a saia, e não tugiou nem mugiu. Fez de conta que nada acontecera. Só que daí por diante passou a desviar-se das ocasiões,

embora sempre à espera. Calada como um testamento, aguardou que o rapaz viesse falar-lhe a sério. Lá com palavrinhas de amor, não! Batesse a outra porta. E queria os banhos na igreja e o casamento em Janeiro. Sem lhe dizer, é claro, que ficara naquele estado...

Mas o cão só pensava na carniça. Quando voltou, trazia apenas o vício assanhado. E mostrou-lhe o caminho.

- Para isso, vai às da Vila...

Tratou de enfaixar o ventre sob o saiote de lã, e foi vivendo. À noite, na cama, é que em vez de passar contas passava lágrimas... Como vivia só, ninguém, felizmente, dava fé das suas mágoas. E os meses iam correndo. Até que ao amanhecer daquele dia... Mas Roalde não havia de ter o gosto de lhe ouvir os gritos. Nem Roalde, nem o tihoso do senhor Armindo. Não lhes dava essa glória. E ali se arrastava, quase morta, por ermos amaldiçoados, para que tudo continuasse entre ela e Deus. Meteria agora no segredo a Ludovina, a sua amiga de Ordonho, porque de todo não poderia governar-se sozinha em semelhante aflição. Em casa dela teria o filho. E depois... Depois... Ah, mas a sede cortava-lhe o tempo ao meio! O futuro para um lado, vago, distante, irreal; o presente para o outro, urgente, positivo. Água! Tivesse ela à mão a fonte da Tenaria, um olho-marinho que fartava os lameiros e ficava na mesma, água a jorros com que matar a sede da boca, do peito, da barriga, do corpo inteiro, e tudo seria simples...

Mas água, só a que lhe inundou de repente as partes, e lhe escorria pelas coxas abaixo, quente, viscosa, pesada...

Estremeceu. Poderia ainda continuar? Poderia ainda arrastar-se, cheia de febre, extenuada, em ferida, pela serra a cabo? E as dores cada vez mais apertadas, que a varavam de lado a lado, a princípio rastejantes, quase voluptuosas, e depois piores que facadas? Não, não podia continuar. Agora só atirar-se ao chão e, como no dia de S. Martinho, rolar sobre a terra em brasa, negra, saibrosa, eriçada de tocos carbonizados, sem palha centeia a quebrar a dureza das

arestas, e sem o desavergonhado do Armindo a cantar-lhe loas ao ouvido...

Aguilhado de todos os lados, o corpo começou a torcer-se, aflito. E daí a pouco arqueava-se retesado, erguido nos calcanhares e nos cotovelos, a estalar de desespero. Dentro dele, através dele, um outro corpo estranho queria romper caminho. E, por mais que cedesse e alargasse, o inimigo mantinha-se insatisfeito, a reclamar maior espaço, a exigir as portas abertas de par em par. Sem a piedade dos intervalos de há pouco, as dores pareciam cadelas a mordê-la. De cada guinada vencida, nasciam outras guinadas, como rebentos por uma castinzeira acima. E toda ela era um uivo de bicho crucificado.

Alheia a tamanha angústia, a serra dormia a sesta, impassível. Indiferente ao tempo, que parara ou deslizava sem lhe tocar a pele empedernida, fechara-se num egoísmo desumano. E quando Madalena, ao cabo de uma eternidade cega e raivosa, conseguiu finalmente sair do tronco de tortura, nada mudara. Os fragões sonhavam ainda.

Suava em bica. Escorria das fontes à sola dos pés. O sol já não estava a pino. Ia caindo, agonizante, para os lados do Marão. A última dor morrera há um segundo, ou há horas, ou há semanas? Não sabia. Sabia, sim, que o sofrimento se apagara de vez e a deixara, como deixa o cortiço o enxame que parte.

Nem um som, nem a presença duma aragem a quebrar a solidão que a cercava. Apenas num céu em fim de incêndio um mormaço cerrado.

Abriu de todo os olhos turvos. Entre as pernas, numa poça de sangue, estava caído e morto o filho. Carne sem vida, vermelha e suja. O segredo dela e de Deus!...

Exausta, deixou-se ficar prostrada, a saborear o alívio. As cancelas escancaradas fechavam-se lentamente... Por fim, cansou-se da própria imobilidade. Ergueu-se, então. E permaneceu assim alguns segundos a ouvir o silêncio, como

a ver se lá do longe vinha resposta aos gritos desesperados que lançara. Nada! O mundo emudecera.

Com fetos verdes limpou-se. Depois deixou cair aquele pano sujo no charco onde o filho dormia. O pé, sem ela querer, foi escavando e arrastando terra... Aos poucos, o seu segredo ia ficando sepultado... O pé tentava deslocar agora uma laje que estava ao lado. Era pesada de mais. E as mãos ajudaram... O sol, cada vez mais baixo, lançava os últimos avisos da sua luz. E os olhos de Madalena viram claro. Eram horas de regressar. Eram horas de voltar à aldeia e matar aquela sede sem fim na fonte fresca da Tenaria.

MORGADO

À ceia, o patrão, com cara de poucos amigos, recusara-lhe as festas desta maneira:

- Deixa-te lá de brincadeiras e enche-me esse bandulho, que amanhã de madrugada, nem que chovam picaretas...

Tal e qual. Meteu a viola no saco, claro, e atirou-se ao penso como pôde. Mas não sentia vontade. Tinha ainda no estômago os tojos que despontara à tarde no monte, e andava, sem saber porquê, de coração apertado. Além disso, aqueles modos do dono até parece que endureciam o feno. A gente também vive de boas palavras. E, verdade se diga, gostava do sujeito. Desde que ele, há seis anos, na feira dos vinte e três, o distinguira no meio dum regimento de azémolas e lhe dera uma palmada rija na anca, simpatizara com a sua figura atarracada, vermelha, a respirar saúde e bonomia.

- Quanto custa o jerico?

- Vinte libras.

- Não é estampa para tanto dinheiro.

Ai o alma do diabo a desfazer!

- Vinte libras, nem menos um real.

- Deixe o garrano por dezasseis, e já é caro como fogo...

O cigano! Mas logo que o viu contar as dezassete moedas e pegar-lhe à arreata, cantou aleluias. Estava farto das bebedeiras do Preguiças. Cheio até às orelhas de subir a malvada ladeira da Queda a ouvir-lhe as asneiras de bebedolas. Mas era um macho! Aguentava no lombo quinze alqueires de pão como se fossem quinze alqueires de penas. Etribado nisso, o moleiro, com cardina ou sem ela, nas feiras, punha o preço em vinte libras. Resultado: ninguém o levava.

- Você quer que lho carreguem de oiro!

- É pegar ou largar.

E tinha de regressar à loja, à maldita loja encostada ao moinho, ao lado da roda, sempre molhada e toldada de barulheira, e no dia seguinte trepar novamente a encosta, ao som da ladainha do costume.

Zumba na barra da saia, ó Zé...

Comida - carqueja, palha cevada estreme, e só lá de tempos a tempos uma pitada de grão. Vida negra! Por isso, quando viu o contrato fechado, sentiu-se redimido. E, apenas o novo dono se lhe escanchou em cima e seguiram pela estrada de Feitais, parecia-lhe que tinha asas, de tão feliz. À chegada, logo uma manta a resguardá-lo dum resfriado, e milhão branco e graúdo na manjedoura. Um céu aberto! Evidentemente que não havia só rosas naquela casa. Longe disso! O macho dum almocreve, sabe Deus... Mas, bem comido e bebido, um homem trabalha com alegria. De mais a mais se o patrão, às tantas, diz o seu dito engraçado, a animar:

- Ah! Morgado, que me borras a pintura!

Nem respondia. E assim que o arrocho dava o último apertão à cilha, largava à frente da récuca, de pendão erguido.

Desta vez, infelizmente, o caso era mais complicado. A ceia correra mal, iam sozinhos, e os bons dias foram este consolo, pouco mais ou menos:

- Vamos lá! Vamos lá, que são seis léguas de serra...

Não gostava de semelhantes modos. Arrenegava de viagens mal principiadas. De maneira que recebeu a carga aperreado, e meteu-se ao caminho a malucar no pior.

Tinham passado a última povoação do concelho e seguiam agora pela estrada velha de Arcã, sumidos na escuridão, varados de lado a lado por uma chuvinha gelada e teimosa. Mas o Inverno corria daquela maneira: ou nevões de cair a alma de tristeza, ou então um tempo assim, frio,

húmido, cortado por lufadas ásperas de ventania. O patrão pegava-lhe à arreata. Ambos calados. Só os passos no saibro duro os revelavam ao ouvido atento das penedias, que escutavam das trevas.

Não se lembrava de ter feito em toda a vida jornada que se parecesse. Nunca lhe acontecera, como hoje, ir com os cinco sentidos num alarme constante. Que raio de madrugada mais tenebrosa! Em vez de encher a alma de esperança, cobria-a de agoiro! E, sem querer, Morgado começou a sentir o corpo arrepiado e a desejar com desespero a luz da manhã.

Ah, mas sabe Deus onde viria ainda o dia! Seis léguas de serra, se entendera bem. Pelos vistos, era tirada até ao vale de Vila Pouca. Daí a necessidade de aproveitarem as horas mortas da noite. E todo o pêlo se lhe crispava, à ideia de que faltava muito ainda para que o sol alumiasse a terra e tirasse à caminhada o ar de pesadelo que a tornava infundável. É certo que a presença do dono o sossegava um pouco. Embora o não visse, por causa do comprimento da rabeira e da negrura cerrada, sabia que caminhava à frente, pronto para o que desse e viesse. E que raio poderia acontecer? Tropeçar? Não aguentar a carga? Se fosse apenas isso! Embora pessimamente dormido e com a barriga vazia, nem as pernas lhe quebravam às primeiras, nem três sacos de centeio lhe faziam mozza. Os aborrecimentos que temia eram doutra natureza... Qualquer encontro desagradável, por exemplo...

Nem de propósito! Ele a pensar no mal, e a ponta dum uivo tenebroso a furar-lhe os ouvidos.

Um arrepio fundo percorreu-lhe o corpo. E, a seguir, todo ele ficou hirto, frio, pregado ao chão, num pânico mortal. Obra de um segundo, apenas. O justo tempo de a arreata ficar esticada entre a mão que a segurava e o argolão do cabresto. É que reagiu logo. Que diabo! Ia ali quem o defendesse... Não havia razão para um terror assim!